OS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS NO PIBID MÚSICA DA UFBA: as perspectivas das(os) bolsistas

COMUNICAÇÃO

GTE 14

Flavia Candusso
Universidade Federal da Bahia
flaviacandusso@gmail.com

Gilberto Portugal Filho
Secretaria Municipal de Educação de Salvador (BA)
betoportual40@gmai.com

Gilson José Meireles de Oliveira
Secretaria Municipal de Educação de Salvador (BA)
gil.meireles@gmail.com

André Chaves Santos
Secretaria Estadual de Educação da Bahia
sapoticapoeira@gmail.com

Resumo: Este trabalho busca relatar uma experiência realizada pelo PIBID MÚSICA da Universidade Federal da Bahia e discutir as perspectivas das(os) bolsistas sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros, que embasaram a formação, planejamento e as atividades em sala de aula nas escolas-campo. Esses valores foram elaborados pela Profa. Azoilda Trindade para o Programa A Cor da Cultura em 2006 (Brandão, 2006a, 2006b, 2006c) com o objetivo de orientar professoras e professores a transformarem suas práticas tendo em vista uma educação para as relações étnico-raciais. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um relato de experiência no qual discutimos o conteúdo das comunicações orais apresentadas no III Seminário de Avaliação do PIBID durante o Congresso UFBA 80 Anos. A partir da análise das falas, observamos como resultados que, apesar da resistência inicial, a turma de bolsistas internalizou e amadureceu sua compreensão a respeito dos valores civilizatórios afro-brasileiros, manifestando uma transformação pedagógica significativa.

Palavras-chave: PIBID, educação para as relações étnico-raciais (ERER), formação de professoras(es).

Introdução

O PIBID MÚSICA da Universidade Federal da Bahia (UFBA) tem uma história consolidada no curso de Licenciatura em Música, já que participou de quase todos os editais a partir de 2010 e constituiu um divisor de águas na formação inicial e continuada, conforme já foi discutido em alguns trabalhos publicados ao longo deste percurso (Candusso, 2014; 2017). Desde o começo, a ênfase foi dada às relações étnico-raciais, às culturas populares afro-brasileiras e à cultura da infância, oferecendo um espaço de discussão e experimentação que ainda não encontrava respaldo nos componentes curriculares daquele período.

O PIBID, enquanto política pública, sofreu vários altos e baixos ao longo desses 16 anos e, em 2024, após a mudança de governo, o PIBID Música foi retomado, dessa vez com 24 bolsistas, três professores supervisores e uma coordenadora de área. O projeto para este Edital se manteve na temática de uma educação musical para as relações étnico-raciais e por esta razão, nos concentramos nos valores civilizatórios afro-brasileiros. Desta forma, este texto tem como objetivo relatar uma experiência realizada pelo PIBID MÚSICA da UFBA e discutir as perspectivas das(os) bolsistas sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros, que embasaram a formação e as atividades em sala de aula, a partir das falas das(os) bolsistas nas comunicações orais durante o III Seminário de Avaliação do PIBID no Congresso UFBA 80 Anos.

Perfil da comunidade do PIBID MÚSICA da UFBA

O PIBID Música é uma comunidade formada por 28 pessoas: 24 bolsistas de iniciação à docência (ID), três professores supervisores e uma coordenadora, docente do curso de Licenciatura em Música. Para podermos traçar o perfil, enviamos um questionário no qual buscamos levantar informações a respeito de: gênero, autodeclaração racial, idade, deficiências, escolaridade, hábitos de leitura e escrita, equipamentos para estudo, entre outros assuntos.

Os resultados do questionário apontam que o grupo é formado por 50% de homens e 50% mulheres. Na autodeclaração racial, constam 85% de pessoas negras – divididas entre 45% de estudantes pretas(os), 40% pardas(os) –, 12% brancas(os) e um estudante indígena

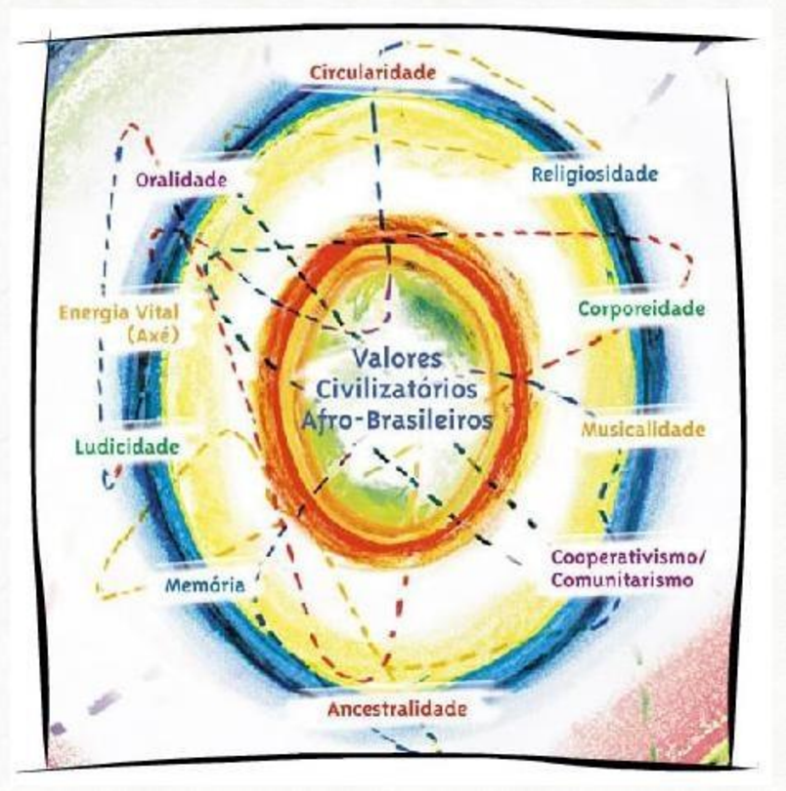
(3%). A faixa etária varia de 21 a 65 anos, sendo assim distribuída: 42% das pessoas têm entre 21 e 25 anos, 25% entre 26 e 30 anos, 21% entre 31 e 49 anos e 12% acima de 50 anos. Dois bolsistas são pessoas com deficiência. Quanto à escolaridade, 72% cursaram o ensino fundamental e médio em colégios da rede pública, 14% estudaram somente em colégios privados e o restante 14% alternaram a rede pública e privada em um dos dois segmentos. No que diz respeito à religião, 71% são cristãs(ãos), de maioria evangélica (54%) e uma parte católica (17%), seguidos por agnósticas(os)/ateus/sem religião (17%), espíritas (8%) e um universalista (4%). Ressaltamos que as questões religiosas representaram algumas vezes um ponto de resistência nas discussões sobre músicas e culturas afro-brasileiras, não podendo, portanto, ser considerado um aspecto secundário.

Os três supervisores são de sexo masculino, dois se autodeclaram pardos e um preto, todos cursaram a Licenciatura em Música da UFBA, sendo que um foi bolsista do PIBID durante toda a graduação. Dois deles, formados em 2008, atuam em escolas municipais (Fundamental 1) e um na rede estadual (Fundamental 2), todas localizadas em bairros de periferia, muito distantes da Escola de Música. Todos eles são músicos e trabalham com culturas populares. A coordenadora de área é uma mulher branca.

Contextualizando os valores civilizatórios afro-brasileiros

Os valores civilizatórios afro-brasileiros foram concebidos e organizados pela Profa. Dra. Azoilda Loretto da Trindade em concomitância com a construção da Lei 10.639/2003 e se tornaram os pilares do Programa “A Cor da Cultura". Voltado para a formação de professoras(es) foi promovido pelo Canal Futura e a Fundação Roberto Marinho. Conceitos como musicalidade, circularidade, corporeidade, oralidade, memória, ancestralidade, ludicidade, religiosidade, energia vital (axé), cooperativismo dão vida ao que entendemos como valores civilizatórios afro-brasileiros, ilustrados na Figura 1.

Figura 1: Valores civilizatórios afro-brasileiros na versão de 2006



Fonte: Brandão, 2006c, p. 16.

Segundo Trindade (2010a, p. 17) explica,

> Porque A Cor da Cultura é um projeto de afirmação do patrimônio africano e afrobrasileiro e, consequentemente, da nossa humanidade e brasilidade, tomamos como eixo de referência para a consolidação da nossa metodologia de trabalho valores que categorizamos como civilizatórios afro-brasileiros em rede, em movimento, em comunicação, em diálogo (Trindade, 2010a, p. 17).

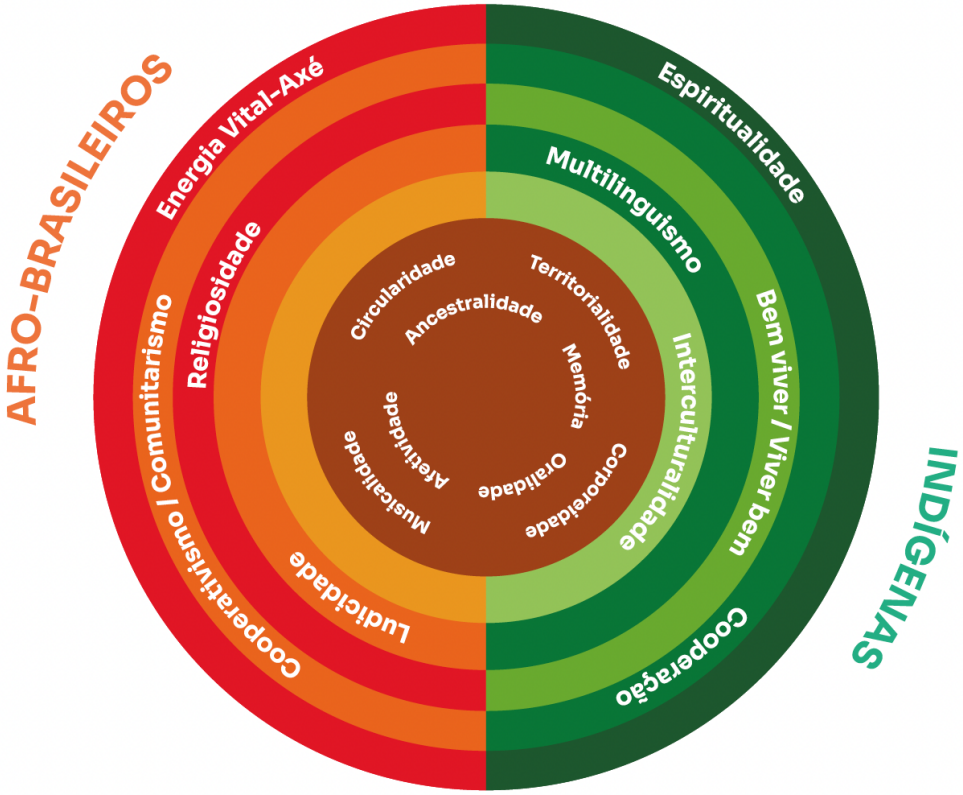
Em 2006, foram publicados cadernos de textos[1] (Brandão, 2006a, 2006b, 2006c) e outras produções bibliográficas, programas audiovisuais que passavam na TV aberta e um CD, que foram complementados com outros livros em 2010 (Brandão e Trindade, 2010a, 2010b). Para comemorar os 20 anos da Lei 10.639/03, em 2024 foi lançado um site[2] com livros digitais

[1] Caderno 1: Modos de ver; (Brandão, 2006a); Cadernos 2: Modos de sentir (Brandão, 2006b); Caderno 3: Modos de interagir (Brandão, 2006c).

[2] https://futura.frm.org.br/projeto/cor-da-cultura Acesso: 12/09/2026.

(Santos et al., 2024; Potyguara et al., 2024a, 2024b) e outro materiais, nos quais foi incorporada a vertente indígena (Lei 11.645/2008). O conjunto dos valores foi revisado, acrescentando a afetividade, tão caro à Profa. Azoilda Trindade, a territorialidade, e, na vertente indígena, a interculturalidade, multilinguismo e bem viver, conforme consta na Figura 2.

Figura 2: Valores civilizatórios afro-brasileiros e indígenas na versão de 2024



Fonte: https://futura.frm.org.br/conteudo/mobilizacao-social/material-pedagogico/cor-da-cultura-mapa-dos-valores-civilizatorios-afr

Brandão e Trindade partiram do princípio de que, em um país onde a maioria da população se autodeclara negra (pessoas pretas e pardas), seja necessário corrigir séculos de invisibilização e negação da história do povo negro e indígena e de desigualdades sociais, culturais, educacionais resultantes da colonização e do racismo. Elas comentam que “A

História oficial relegou aos negros um papel secundário, dificultando o caminho em direção à sua inclusão social e criando um estado de desigualdade difícil de ser alterado" (Brandão, 2006a, p. 13).

Os valores civilizatórios, de acordo com Candusso (2009), representam

> O legado principal que a cultura africana deixou em território brasileiro, durante e após a escravidão, pode ser resumido nos valores civilizatórios afro-brasileiros. Valores estes que sustentaram a civilização africana do período pré-colonial e sucessivamente do mundo afrodescendente na readaptação da sua cosmovisão neste país (Candusso, 2009, p. 54).

Na educação musical, a musicalidade assume o eixo central, sendo que alguns desses valores, como a circularidade, ludicidade, oralidade, corporeidade já fazem parte das práticas pedagógicas das aulas de música presentes nos métodos ativos: atividades musicais em roda, que envolvem o corpo através de brincadeiras passadas oralmente. Entretanto, durante a formação inicial, além de não ter uma reflexão mais profunda sobre o significado de cada aspecto (roda, corpo, brincadeira, oralidade), o objetivo está voltado para o desenvolvimento de conceitos musicais, vivenciando a prática antes da teoria.

Na vertente dos valores civilizatórios afro-brasileiros, não há um pensamento dicotômico e segmentado como nas culturas hegemônicas, mas parte-se do pressuposto de que a prática e a teoria são indissociáveis, que o corpo é entendido como um ser por inteiro no qual se inscreve o conhecimento e a memória. Além disso, todos eles estão constantemente interagindo, conforme veremos mais adiante, quando discutiremos as perspectivas e entendimentos das(os) bolsistas.

Exemplificando a inter-relação entre os valores: as culturas musicais africanas e da diáspora muitas vezes são realizadas em roda (**circularidade**), que representa a comunidade, o coletivo (**comunitarismo/cooperativismo**). A **música** se torna um motor propulsor do acontecimento (**musicalidade**), sendo que ela é parte responsável pela transmissão de saberes através da **oralidade**; o corpo traduz a música em dança e gestos (**corporeidade**), que é onde se inscreve a **memória**. Através da **oralidade** e da **memória** são reverenciados os ancestrais (**ancestralidade**). As manifestações são chamadas de brincadeiras pelos seus participantes (**ludicidade**). Tudo isso dentro de um contexto em que o respeito às outras

pessoas e às suas espiritualidades (**religiosidade**, que não deve ser entendida como religião) e a **força vital (axé)**, que representa a energia realizadora, que dá vida, que faz acontecer, determinam a filosofia que permeia o todo.

Sobre a experiência

Inicialmente, a maioria das(os) bolsistas demonstraram alguma resistência ao abordar os valores civilizatórios afro-brasileiros, muitas vezes questionando a necessidade de atuarem com temas, que naquele momento pareciam não fazerem sentido para a aprendizagem pedagógico-musical. O grupo até entendia a necessidade de elaborar uma metodologia que se aproximasse da realidade das crianças da escola pública, que conseguisse envolvê-las, mas fundamentar os conteúdos musicais na cultura afro-brasileira representava algo distante e que causava um certo desconforto. Certa vez, um bolsista questionou: *"Às vezes, não é necessário trazer tanta coisa sobre a África, porque eles já têm (...), talvez a música de concerto seja também importante"*, gerando um debate interessante sobre racismo epistêmico e cultural, nos quais as culturas hegemônicas deslegitimam outros saberes, que passam a serem considerados inferiores. Nego Bispo (2023), em "A terra dá, a terra quer", observa que

> A cultura é uma coisa padronizada, mercantilizada, colonial. Os colonialistas dizem que não temos cultura quando não nos comportamos do jeito deles. Quem não sabe tocar piano ou não sabe o que é música erudita, quem nunca frequentou um teatro, quem não frequenta o cinema, para eles, não tem cultura. Para nós, quem não sabe dançar e cantar no batuque, quem não sabe fazer uma comida, quem não se emociona com a cantiga de um pássaro não tem um modo agradável de viver (Bispo, 2023, p. 15).

É importante perceber que após 23 anos desde o sancionamento da Lei 10.639/03, ainda existam resistências, dúvidas, e/ou falta de conhecimento sobre como ensinar a cultura africana e afro-brasileira em sala de aula. De certo, o PIBID Música vem ao encontro dessa urgência, para que não se permaneça apenas no discurso puramente academicista, mas se busquem caminhos para transformar a práxis de licenciandas e licenciandos com base nas heranças africanas e indígenas. Neste sentido, as reuniões de formação e planejamento, às sextas feiras de manhã, com estudos, debates e reflexões sobre os textos, entre os quais os de Azoilda Trindade, bem como outros sobre o currículo afrocentrado, as palestras e vivências com professoras(es) convidadas(os), foram momentos importantes para a inserção de um

novo referencial teórico, em uma prática até então europeizada e muito centrada nos conteúdos musicais. A realidade do ensino de música "padronizado" das escolas de música, que a maioria das(os) bolsistas conhecia, parecia não se afinar com as práticas e conteúdos desenvolvidos na sala de aula de uma escola pública regular. "*Não tem conteúdo, nota musical?*"; "*A escola não tem instrumentos musicais?*". Esses momentos de questionamentos por parte das(os) bolsistas sobre as metodologias e práticas pedagógico-musicais conduzidas pelos professores supervisores, e observadas em sala de aula, trouxeram bastante aprendizado e novos desafios.

As(os) bolsistas foram então incentivadas(os) a planejarem em subgrupos uma atividade pedagógico-musical com ênfase em um dos valores civilizatórios. Em formato de laboratório, tendo seus pares como participantes, cada grupo realizou a atividade planejada. A experiência proporcionou uma reflexão na ação, aproximando mais a turma dos conceitos trazidos por Azoilda Trindade, bem como fazendo-os ressignificarem certos preconceitos velados, ou conceitos oriundos de uma cultura religiosa, enquanto forma de ver o mundo. As(os) bolsistas perceberam que os valores civilizatórios afro-brasileiros estavam presentes, não apenas nos conteúdos propostos, mas também na concepção do planejamento e em muitos momentos no desenrolar das atividades, seja na forma de arrumar a sala ou no modo de se comunicar.

Os valores civilizatórios na perspectiva das(os) bolsistas

As cinco comunicações orais[3] apresentadas no III Seminário de Avaliação do PIBID Música durante o Congresso UFBA 80 Anos em julho de 2026 foram fruto das experiências

[3] 1) A ancestralidade como um dos valores civilizatórios afrobrasileiro na educação musical: uma experiência pedagógica no PIBID Música; 2) A circularidade como um dos valores civilizatórios afrobrasileiro na educação musical: uma experiência pedagógica no PIBID Música; 3) A corporeidade como um dos valores civilizatórios afrobrasileiro na educação musical: uma experiência pedagógica no PIBID Música; 4) A memória como um dos valores civilizatórios afrobrasileiro na educação musical: uma experiência pedagógica no PIBID Música; 5) A oralidade como um dos valores civilizatórios afrobrasileiro na educação musical: uma experiência pedagógica no PIBID Música.

vivenciadas nas salas de aula das escolas municipais e estadual, mas na verdade, foram germinadas há muito tempo, lá atrás nas primeiras reuniões gerais das sextas-feiras pela manhã. Os valores escolhidos para o planejamento e intervenções pedagógicas, foram: a circularidade, oralidade, corporeidade, ancestralidade e memória. A partir de um roteiro para elaboração dos slides, sugerimos também que durante cada apresentação fosse prevista uma breve atividade prática a ser realizada com o público presente. Além disso, solicitamos que cada grupo refletisse sobre a inter-relação do valor abordado com os outros valores civilizatórios e de que forma esta atividade impactou na própria formação. Cada grupo elaborou suas comunicações orais, redigindo o texto/fala de cada bolsista. As(os) bolsistas citadas(os) a seguir foram consultadas(os) e optaram por terem seus nomes reais no texto.

Marcos Stress, ao abrir sua fala, trouxe um questionamento a respeito dos currículos eurocentrados e problematizou a música na escola, que deveria ter um papel transformador na discussão das relações étnico-raciais, justificando, assim, os valores civilizatórios como caminho pedagógico-metodológico para efetivar a Lei 10.639/03 nas escolas. Ele interrogou, "*(...) como romper com os currículos eurocêntricos e consolidar uma educação antirracista? E qual é o papel da música na transformação das relações étnico-raciais na escola?*". Jéssica Tainã Cruz também ressaltou a importância das relações étnico-raciais nas aulas de música no que diz respeito à valorização das culturas africanas e afro-brasileiras, que historicamente foram invisibilizadas, tendo em vista "*uma educação musical mais democrática, inclusiva, representativa e principalmente antirracista*".

Entrando no mérito dos valores civilizatórios afro-brasileiros, Sinara Santana explicou que eles

> (...) *constituem princípios culturais, sociais e espirituais que foram trazidos e desenvolvidos no Brasil a partir das diversas culturas africanas e de seus descendentes. De acordo com Azoilda Loretto da Trindade, esses valores se manifestam no modo de viver, sentir e produzir cultura no país, estando presentes em práticas como a música, a dança, a oralidade, as formas de organização coletiva e as maneiras de ensinar e aprender. Esses elementos revelam uma visão de mundo baseada na coletividade, no movimento, na valorização do corpo, da escuta e da troca entre as pessoas* (Sinara Santana).

Railan Santana acrescentou que "*não são conceitos abstratos ou isolados; eles são princípios vivos que moldaram e continuam moldando a nossa existência como sociedade*". Segundo ele, "*embora cada valor possa ser estudado em sua especificidade, todos estão profundamente interconectados. Eles não funcionam como caixas estanques, mas como fios de uma mesma trama civilizatória*". Indo além, "*Para Azoilda, os valores civilizatórios estão inscritos na memória do povo brasileiro, e é através dela que se estabelece a ponte entre passado e presente, entre ancestralidade e identidade*".

Na conceituação de cada valor e sua relação com a educação musical, Karen Silva, a respeito da **circularidade,** ressaltou que a roda não é apenas uma disposição espacial, mas "*representa movimento, continuidade, renovação e coletividade. Expressa uma forma de compreender as relações humanas baseada na participação, na troca de experiências e na construção compartilhada do conhecimento*". Ela lembrou do educador Tião Rocha (2007), quando explicou que na roda não tem início e não tem fim. Sinara Santana destacou que "*o círculo se destaca pelo começo e o fim que se marcam no mesmo ponto, quebrando a hierarquia e descentralizando o saber*".

Ao realizar atividades musicais em roda na escola, David Lucas Oliveira percebeu que "*A cada ciclo de criação de um gesto próprio por um participante, a atividade evidenciou a troca contínua de saberes, dos protagonismos e experiências entre os participantes*". Segundo ele, "*a circulação dos gestos demonstrou como os conhecimentos e as expressões individuais podem ser compartilhados e transformados pelo grupo, refletindo os princípios da circularidade presentes nas culturas afro-brasileiras*". Refletindo sobre as implicações da circularidade na educação musical, Karen Silva afirmou que

> (...) *esse valor oferece importantes possibilidades pedagógicas. A organização das atividades em roda favorece a escuta atenta, o diálogo musical e a construção coletiva das práticas sonoras. Além disso, possibilita que os estudantes assumam diferentes funções durante o processo, participando não apenas como executantes, mas também como criadores, observadores e condutores das atividades. Assim, a circularidade torna-se não apenas uma forma de organizar o espaço da aula, mas uma estratégia pedagógica que fortalece a cooperação, o protagonismo dos estudantes e a valorização das experiências coletivas na aprendizagem musical* (Karen Silva).

No mérito da **oralidade**, Marcos Stress questionou como o uso da partitura caracterizou o ensino de música, tornando-se a "*única via legítima de transmissão do saber, marginalizando os outros saberes, como os de matriz africana e indígena*". Dar ênfase à oralidade foi uma forma de decolonizar o ensino de música, afinal, segundo ele, "*a oralidade nas culturas afro-brasileiras é uma tecnologia de preservação da memória, de transmissão da ancestralidade e de produção do saber*". Trazendo para a realidade da sala de aula, ele enfatizou que a oralidade foi uma forma de validação "*da bagagem cultural e da identidade dos estudantes negros e periféricos, promovendo o respeito mútuo, a equidade e o pertencimento*". Lucas Paiva acrescentou que "*a oralidade constitui um valor civilizatório afro-brasileiro que reconhece a potência da palavra e da escuta como formas de transmissão de saberes, memórias, afetos e identidades, contribuindo para a construção coletiva do conhecimento*". Ele mencionou Molefi Asante (2019) e o conceito de afrocentricidade que estudamos para afirmar que

> *a oralidade deve ser reconhecida como uma forma legítima de produção de conhecimento. Asante propõe que as experiências e epistemologias africanas sejam compreendidas a partir da perspectiva dos próprios sujeitos africanos, rompendo com a ideia de que apenas o conhecimento escrito possui legitimidade* (Lucas Paiva).

No que diz respeito às atividades musicais, ele descreveu os vários projetos realizados na escola, refletindo sobre a importância da oralidade, agora entendida com outra consciência, neste processo.

A **corporeidade** é, provavelmente, o valor civilizatório que mais rompe com a tradição eurocentrada, na compreensão de um corpo inteiro, sem a histórica divisão entre corpo e mente. Segundo Jéssica Tainã Cruz, o corpo precisa ser entendido "*como espaço de produção de conhecimento, memória e cultura. Nas tradições afro-brasileiras, aprender envolve se movimentar, cantar, dançar, tocar instrumentos e interagir com o coletivo, ou seja, o corpo participa ativamente da construção de saberes*". Ana Carolina Brito lembrou de Inocêncio (2006) ao refletir sobre o corpo individual e coletivo, que "*foi o que manteve os valores herdados das sociedades africanas e está ligado à coletividade (comunitarismo)*". Anna Luz observou que para Azoilda Trindade, "*a corporeidade é o entendimento de que corpo, mente,*

emoção e espiritualidade são indissociáveis na produção de conhecimento. O corpo não é apenas suporte: ele é território, é arquivo, é agente".

O planejamento de uma atividade em sala de aula com ênfase na corporeidade, foi estruturado a partir de três eixos, segundo Anna Luz relatou: 1) "*a musicalidade integrada, que rompe com a lógica ocidental que separa o pensar do sentir e do fazer*". Nesta vertente, "*o corpo pensa enquanto toca, sente enquanto dança, emociona enquanto canta. Mente, corpo e emoção são mobilizados juntos no fazer musical*"; 2) "*o aprendizado pela vivência, já que o corpo é produtor de saber*". Ela frisou que

> *tocar, dançar e cantar não são recursos pedagógicos. São formas indissociáveis de conhecer. A criança não aprende sobre o samba: ela aprende no samba, com o pé no chão, com a palma da mão, com a voz em roda. O corpo em experiência é a metodologia*"; 3) "*o corpo como arquivo vivo de memórias ancestrais* (Anna Luz).

Ela enfatizou que

> *quando trabalhamos ritmos, cantigas e danças de matriz africana e indígena, ativamos no corpo da criança um repertório que a antecede. Esse corpo carrega gestualidades, sonoridades e afetos que são patrimônio civilizatório. Educar musicalmente é, portanto, acionar e legitimar esse arquivo* (Anna Luz).

Finalizando a fala dela, ela arrematou afirmando que, "*propor atividades musicais a partir da corporeidade é reconhecer que o corpo da criança é o primeiro e mais legítimo território de saber. É por ele que a cultura se inscreve, se transmite e se reinventa*".

A **ancestralidade**, segundo Elísio Lima, foi "*entendida como elemento de construção da identidade e do pertencimento coletivo*". Ele acrescentou que "*é a nossa ligação com as pessoas que vieram antes de nós, como nossos avós, bisavós, familiares e pessoas importantes da nossa comunidade. É tudo aquilo que recebemos e aprendemos com elas: histórias, costumes, músicas, ensinamentos e formas de viver*". Ele finalizou considerando que "*os ancestrais são muito valorizados porque representam memória, sabedoria, possuem sentimento comunitário, e a ligação entre o passado, o presente e o futuro*". Após a realização de atividades em sala de aula, Walmen Barreto refletiu que "*a ancestralidade se mostrou um tema acessível e significativo para as crianças. A articulação entre diálogo, prática musical e*

criação favoreceu aprendizagens sensíveis e contextualizadas". Nesta ótica, ficou inegável que neste caminho "*a educação musical se torna mais inclusiva, plural e antirracista"*.

A **memória** foi conceituada por Railan Santana como "*a força viva que alimenta a existência e orienta o futuro*". É ela que mantém viva a história de resistência de um povo que, apesar do racismo, das injustiças e das desigualdades sociais, "*sempre afirmou a vida*". Ele continuou expressando que "*é a memória que permite que as tradições musicais, os ritmos, as cantigas e os saberes sejam transmitidos de geração em geração - não como objetos museológicos, mas como práticas culturais em constante transformação*". Carolina Palma complementou que "*sem memória, os outros valores civilizatórios perdem parte de seu significado e continuidade*". Sua valorização serviu "*para resistir ao apagamento cultural e ajudar a formar cidadãos conscientes da diversidade cultural, diminuindo preconceitos e estereótipos. Além disso, preservar a memória nas escolas ajuda a manter viva a pluralidade de visões do mundo e a cultura local*". Ao traçar a relação da memória com os outros valores, ela destacou que,

> *é por meio dela, que os conhecimentos, as tradições e as experiências de um povo são preservados e transmitidas entre as gerações. Ela está ligada à ancestralidade, pois muitos saberes são herdados dos avós, pais e demais ancestrais. Também se relaciona com a oralidade, já que histórias, músicas, brincadeiras e tradições são passadas dos mais velhos para os mais novos. Além disso, conecta-se à musicalidade, pois muitas canções e práticas musicais são aprendidas e mantidas vivas por meio da memória coletiva. Dessa forma, a memória contribui para o enriquecimento e pertencimento cultural (...)* (Carolina Palma).

Durante a apresentação, o grupo liderado por Nadjane Ribeiro, realizou "*uma atividade prática que consistiu em uma brincadeira de mão, envolvendo uma canção e movimentos rítmicos, que deram centralidade à corporeidade, ludicidade, memória e que estimulam a coordenação motora, lateralidade e atenção*". Segundo Vitor Passos, "*A atividade realizada com a brincadeira de mãos mostrou justamente isso: por meio da oralidade, do corpo, da musicalidade e da interação coletiva, acessamos lembranças, fortalecemos vínculos e reconhecemos saberes que muitas vezes aprendemos fora dos espaços escolares*".

Considerações finais

Este relato de experiência buscou discutir as perspectivas das(os) bolsistas a respeito dos valores civilizatórios afro-brasileiros, adotados como fundamentação teórica das atividades do PIBID Música. A partir das falas das(os) bolsistas durante as apresentações no III Seminário de Avaliação no Congresso UFBA 80 Anos, percebemos que o grupo amadureceu sua compreensão sobre a temática. Sinara Santana declarou que "*a vivência compartilhada entre as formações do PIBID Música e as salas de aula das escolas-campo deixa uma certeza sensível: a roda não é apenas uma disposição espacial, mas um modo de existir e partilhar a vida*" e convidou educadoras e educadores a sustentarem a roda de saberes, pois assim "*o estigma da exclusão se desfaz, dando lugar ao acolhimento, onde cada estudante, com sua bagagem e sua voz, torna-se parte essencial do todo*". Lucas Paiva também mencionou o trabalho de formação nos encontros, palestras e oficinas, além de todas as vivências na sala de aula junto aos professores supervisores. Segundo ele,

> *graças a todos esses momentos, que vem nos capacitando e nos direcionando, aprendemos a dar nomes a todo o trabalho voltado para uma educação que valorize os valores-civilizatórios afro-brasileiros, e também faz com que a gente planeje propostas e atividades que tenham o estudante como protagonista, buscando fazer uma educação afrocentrada e antirracista* (Lucas Paiva).

Essas falas/depoimentos sinalizam que passos significativos em prol de uma educação musical para as relações étnico-raciais nas escolas de educação básica foram dados e que os valores civilizatórios constituíram um caminho pedagógico e metodológico possível de ser trilhado na formação de futuras(os) professoras(es) de música.

Referências

ASANTE, Molefi Kete. A ideia afrocêntrica em educação. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 31, 2019, p. 136-148.

BISPO, Antônio dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (coord.). *Saberes e fazeres, v.1*: modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006a.

BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (coord.). *Saberes e fazeres, v.2*: modos de sentir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006b.

BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (coord.). *Saberes e fazeres, vol. 3*: Modos de interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006c.

BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (coord.). *Modos de fazer:* caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010a.

BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (coord.). *Modos de brincar:* caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010b.

CANDUSSO, Flavia. *Capoeira Angola, educação musical e valores civilizatórios afro-brasileiros*. 258f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Música - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

CANDUSSO, Flavia. O PIBID-Música: educação musical, as artes musicais e a comunidade. In: ASSIS, Alessandra Santos de; SANTOS, Ana Kátia Alves dos (orgs.). *Olhares sobre a docência*: primeiras experiências do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da UFBA. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 149-162.

CANDUSSO, Flavia. As Leis 10.639/03 e 11.645/08, os estudantes do Curso de Licenciatura e os professores de música da rede: reflexões preliminares. *Anais da XI Conferência Regional Latino-Americana de Educação Musical da ISME*, 2017. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_isme/v1/papers/2485/public/2485-8769-2-PB.pdf

INOCÊNCIO, Nelson Olokofá. Sujeito, corpo, memória. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azolida Loretto da (coord.). *Saberes e fazeres, v. 1*: modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006a, p. 53-58.

POTYGUARA, Rita; CAMARGOS, Bruna; CASTRO, Maria Corrêa e (coords). *A Cor da cultura*: história e cultura indígena - caderno de textos. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2024a. Disponível em: https://futura.frm.org.br/conteudo/educacao-basica/material-pedagogico/cor-da-cultura-historia-e-cultura-indigena-caderno-de Acesso 12/09/2026

POTYGUARA, Rita; CAMARGOS, Bruna; CASTRO, Maria Corrêa e (coords). *A Cor da cultura*: saberes e fazeres – Caderno de Metodologia. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2024b. Disponível em: https://futura.frm.org.br/conteudo/mobilizacao-social/material-pedagogico/cor-da-cultura-saberes-e-fazeres-caderno-de Acesso 12/09/2026

ROCHA, Tião. Para educador, escola formal não serve para educar. Entrevista concedida para Uirá Machado. *Folha de São Paulo*, 26.11.2007.

SANTOS, Katia Costa; CAMARGOS, Bruna; CASTRO, Maria Corrêa e (coords). *A Cor da cultura*: história e cultura afro-brasileira - caderno de textos. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2024. Disponível em: https://futura.frm.org.br/conteudo/educacao-basica/material-pedagogico/cor-da-cultura-historia-e-cultura-afro-brasileira Acesso 12/09/2026

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Percurso metodológico. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (coord.). *Modos de fazer:* caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010a, p. 13-18.